



## **MOMENTOS DA MODERNIDADE NO CENTRO TRADICIONAL DE FLORIANÓPOLIS: A DIMENSÃO CONTRA-HEGEMÔNICA DO ESPAÇO CONTEMPORÂNEO**

### ***MOMENTS OF MODERNITY IN FLORIANOPOLIS TRADITIONAL CENTER: THE COUNTER-HEGEMONIC DIMENSION OF CONTEMPORARY SPACE***

**v. 8, n. 1 [12]**  
Jan/Abr (2016)

Renata Rogowski Pozzo  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
sul.renate@gmail.com

Artigo

### **Resumo**

Neste ensaio, buscamos apreender as especificidades da formação do Centro e a configuração da centralidade urbana em Florianópolis, compreendendo a marcha das continuidades e descontinuidades de sua história e como estas se arranjam espacialmente dentro do processo de transição para a modernidade capitalista da cidade. Dentro deste longo processo de transição, que se origina a partir da segunda metade do século XIX, objetivamos demonstrar como o Centro tradicional adquire um significado novo em relação à cidade a cada período: do Centro moderno, ao Centro decadente para o Centro contra-hegemônico.

### **Palavras-chave**

Centro tradicional de Florianópolis. Modernidade. Centralidade urbana.

### **Abstract**

*In this essay, we seek to grasp the specifics of center formation and the configuration of urban centrality in Florianopolis, including the march of continuities and discontinuities of their history and how they arranged spatially within the transition to capitalist modernity of the city. Within this long process of transition, which originates from the second half of the nineteenth century, we aim to demonstrate how the traditional center acquires a new meaning in relation to the city each period: the modern center, the decadent Center for the counter-hegemonic Center.*

### **Keyword**

*Florianópolis Traditional Center. Modernity. Centrality.*

## Introdução

Este ensaio representa a tradução escrita de experiências investigativas no Centro tradicional de Florianópolis, aglutinadas na pesquisa de mestrado "*Modernidade Capitalista em Florianópolis e a dinâmica do Centro urbano*", desenvolvida entre os anos 2008 e 2010 junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Os questionamentos e descobertas aqui expressas formaram-se nas derivas por este espaço intercaladas a passeios guiados por autores, principalmente historiadores, sociólogos e geógrafos da cidade. A percepção do espaço alimenta grande parte do escrito, aliada à investigações teóricas e interlocuções políticas. Na busca pela compreensão dos processos urbanos duas dimensões de pesquisa são indissociáveis: a cidade coloca-se simultaneamente como objeto de estudo e experiência vivenciada (BRESCIANI, 2011).

O ponto de partida para a investigação foi a percepção de que os discursos correntes sobre o Centro de Florianópolis, partindo tanto do meio acadêmico como do jornalístico e da administração municipal, desde a década de 1990 apontam para um processo de **decadência** que este espaço estaria sofrendo. Este tipo de interpretação, formulada à base de um empirismo grosseiro, aponta como evidências de tal decadência a péssima aparência de alguns edifícios abandonados, a ausência de movimento noturno, a popularização do comércio etc.

A problemática desde ensaio constitui a ideia de que este *discurso da decadência* serve como justificativa, não somente em Florianópolis, para os tão aclamados projetos de *revitalização* dos Centros urbanos – que apresentam-se atualmente como uma verdadeira releitura (frequentemente pelo viés cultural) dos projetos higienistas realizados nas cidades brasileiras na passagem do século XIX para o XX. Releitura, esta, ainda mais perversa nos últimos anos, no contexto da preparação das capitais brasileiras para os mega-eventos esportivos sediados no país.

À luz deste quadro inquietante e pelos caminhos de pesquisa expostos nas linhas iniciais deste ensaio, chegamos à seguinte hipótese, que será desenvolvida no corpo do trabalho: esta suposta decadência do Centro tradicional pode ser explicada pelo abandono deste espaço pelas classes de alta renda, que, a partir dos anos 1970, deixaram de investir e frequentá-lo motivadas por investimentos públicos que deslocaram o fluxo do comércio, dos serviços e dos capitais imobiliários para outros espaços da cidade (vias expressas). Portanto, analisando mais profundamente este processo, a declarada *decadência do Centro* é uma expressão ideológica - pois é em grande medida propagada pela mídia e relacionada com a violência, o que valoriza ainda mais a suposta segurança que oferecem os novos espaços comerciais e residenciais da cidade (shoppings e condomínios fechados), obedecendo aos interesses do capital imobiliário - e preconceituosa, pois classifica como degradação a transição de uma classe social mais alta para outra mais baixa neste espaço.

Logo no início da pesquisa, ficou evidente que nosso problema não se encerrava no recorte espacial do Centro, já que este é um lugar de convergência de processos sociais,

históricos e econômicos que se interrelacionam em diversas escalas. Por isso, buscamos traçar períodos histórico-explicativos, e localizamos nossa análise na *transição para a modernidade capitalista em Florianópolis*, considerando os papéis e as repostas do espaço central a este processo.

Marcado por funções preponderantes, cada momento histórico deixa sua marca no espaço, criando e transformando a paisagem urbana - que é o resultado da soma dialética das forças do tempo e do espaço, da relação dinâmica entre as funções e as formas. Essa relação entre a formação e desenvolvimento da cidade e o papel do Centro em cada fase histórica despertou nosso interesse de interpretar e demonstrar a formação da configuração atual da região central de Florianópolis. Analisando objetivamente os elementos que se combinaram para a conformação do cenário atual, constatamos que a *transição para a modernidade* é um dado crucial para a dinâmica de transformação da configuração da centralidade urbana em Florianópolis.

O Centro da cidade é um espaço de síntese do passado e do presente, uma paisagem formada pela contradição entre formas inertes e funções dinâmicas (SANTOS, 1959). Esta síntese, entretanto, não se dá de forma "amigável": há uma guerra de tendências, de forças de transformação e de resistência. Por isso, procuramos investigar: qual a importância do Centro tradicional em relação à cidade e à região no decorrer da história?

Neste escrito procuramos acima de tudo enfatizar todas as características contraditórias do Centro que se formam a partir desta interação dialética entre formas e funções novas e velhas, que são características de espaços com grande passado histórico como este. Vemos o Centro, portanto, como um ponto de ligação entre movimentos contraditórios. No século XIX, por exemplo, era a ligação da região com o mundo, pois pelo seu porto entravam os produtos importados da Europa. É também o contato do estado com a nação, pois é um centro administrativo. Suas feiras de rua representam a ligação entre o mundo urbano e o mundo pequena produção mercantil. O Centro é o encontro do novo com o velho, do moderno com o tradicional, de pessoas de todos os lugares, onde "esse papel de ponto de contato entre dois mundos opostos, porém complementares, marca toda a vida urbana" (SANTOS, 1959, p. 188).

## **A modernidade capitalista e o centro: três momentos**

Quando os bandeirantes vicentistas sob comando de Dias Velho chegaram a Ilha de Santa Catarina, construíram algumas choupanas na planície imediata para se abrigarem e uma igreja na primeira colina avistada da costa. Nesta estrutura urbana inicial o centro não encontrava espaço para existir; apenas pode-se considerar a igreja, que não passava nesta época de uma pequena capela, como o elemento central da incipiente aglomeração. Até o século XVII, Florianópolis (Desterro, até 1894) se resumia ao Largo da Catedral.

Com a elevação da Ilha de Santa Catarina à categoria de vila em 1726 e o posterior estabelecimento da pequena produção mercantil açoriana é que a cidade começou a adquirir construções mais significativas, tais como a Casa de Câmara e Cadeia (1771), a Igreja Matriz (1749) e, mais tarde, quando promovida a capital da província, o Palácio do Governador. Todas estas localizadas no entorno da Praça Central, uma tradicional Praça da Igreja.

Os elementos naturais que influenciaram a expansão inicial do plano urbano para além da Praça Central foram as fontes e cursos d'água ali presentes, atraindo para si caminhos que foram estruturando-se como ruas (ANDRADE, 1978).

Por volta da segunda década do século XVIII o povoamento adquiriu nova força a partir da vinda do Brigadeiro José da Silva Paes. Em 23 de março de 1726 ocorreram as primeiras eleições para a Câmara Municipal e a capitania de Santa Catarina é criada em 11 de agosto de 1738.

Silva Paes foi o responsável pela organização da função militar da vila, deixando, sua marca na paisagem através dos vários fortes e fortalezas, que sobreviveram ao tempo e são encontrados em vários pontos ao longo da costa, tais como a Fortaleza de Santa Cruz (1738), São José da Ponta Grossa (1740), Santo Antônio da Ilha de Ratoes Grande (1760) e de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Sul (1740) e os Fortes de São Francisco Xavier, Sant'Anna, São Luiz e Santa Bárbara (VEIGA, 1993).

A vila somente começou a ter alguma dinâmica econômica e social significativa a partir de 1750, com a vinda dos casais açorianos que se instalaram em pequenos lotes de terra nas freguesias da ilha, tais como Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, Vila Nova, Nossa Senhora das Necessidades e, mais tarde, já no século XIX, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão e Santíssima Trindade detrás do Morro.

Os pequenos produtores açorianos vinham das freguesias - a pé, de carroça ou de canoa - até a praça do Mercado Central, antigamente localizado em frente à Praça XV, para vender peixes e/ou gêneros alimentícios excedentes, resultantes da prática da policultura para subsistência, também para adquirir ali outros produtos de que necessitavam. Logo, o núcleo de fundação, com o estabelecimento da pequena produção mercantil açoriana, espalhada ao norte e sul da Ilha em diversas freguesias, passou a se configurar efetivamente como *Centro da cidade*, tendo como função polarizadora a atividade comercial.

Foram algumas décadas a partir da chegada dos açorianos até que pudessem ser percebidos grandes avanços na estrutura urbana da vila. O marco destes tempos iniciais foi a Independência do Brasil, que antecede em um ano a elevação da vila à categoria de cidade.

A partir daí, já por volta da metade do século XIX, identificamos o início do processo de *transição para a modernidade* em Florianópolis.

A cidade é a entidade social mais visivelmente afetada pelo processo de transição para a modernidade, por isso, segundo Schorske (2000), é também campo privilegiado para entendermos o próprio fenômeno da modernidade. Como descrevem Marx e Engels (1998)

para o caso da Inglaterra, a revolução burguesa que conduziu ao capitalismo redefiniu o papel da cidade na sociedade: a cidade é o grande palco da modernidade capitalista. É no século XIX, cenário das grandes transições para o capitalismo em grande parte do mundo ocidental (*revolução burguesa* em alguns poucos casos como o da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França; *revolução-conservação*, ou, *revolução passiva*, de acordo com Gramsci (2000) em todo o resto, inclusive no Brasil, já no século XX), que começa a ficar clara a nova paisagem urbana na qual tem lugar a vida moderna<sup>1</sup>.

Berman (1986) define inicialmente o fenômeno da modernidade como um *conjunto de experiências* e encontra nesse processo três fases de realização no mundo europeu: a) Século XVI até XVIII: experimentando a vida moderna; b) 1790: Revolução Francesa; mundo moderno, mas não por inteiro; c) Século XX: expansão global em uma *multidão de fragmentos*.

Em Florianópolis, percebemos que o sentido da modernidade se expressa de maneira diferente ao longo da história e o Centro assume uma participação especial a cada momento, podendo ser identificados três períodos desta transição - que ainda está em processo, conforme sintetizado no mapa a seguir (Figura 1).

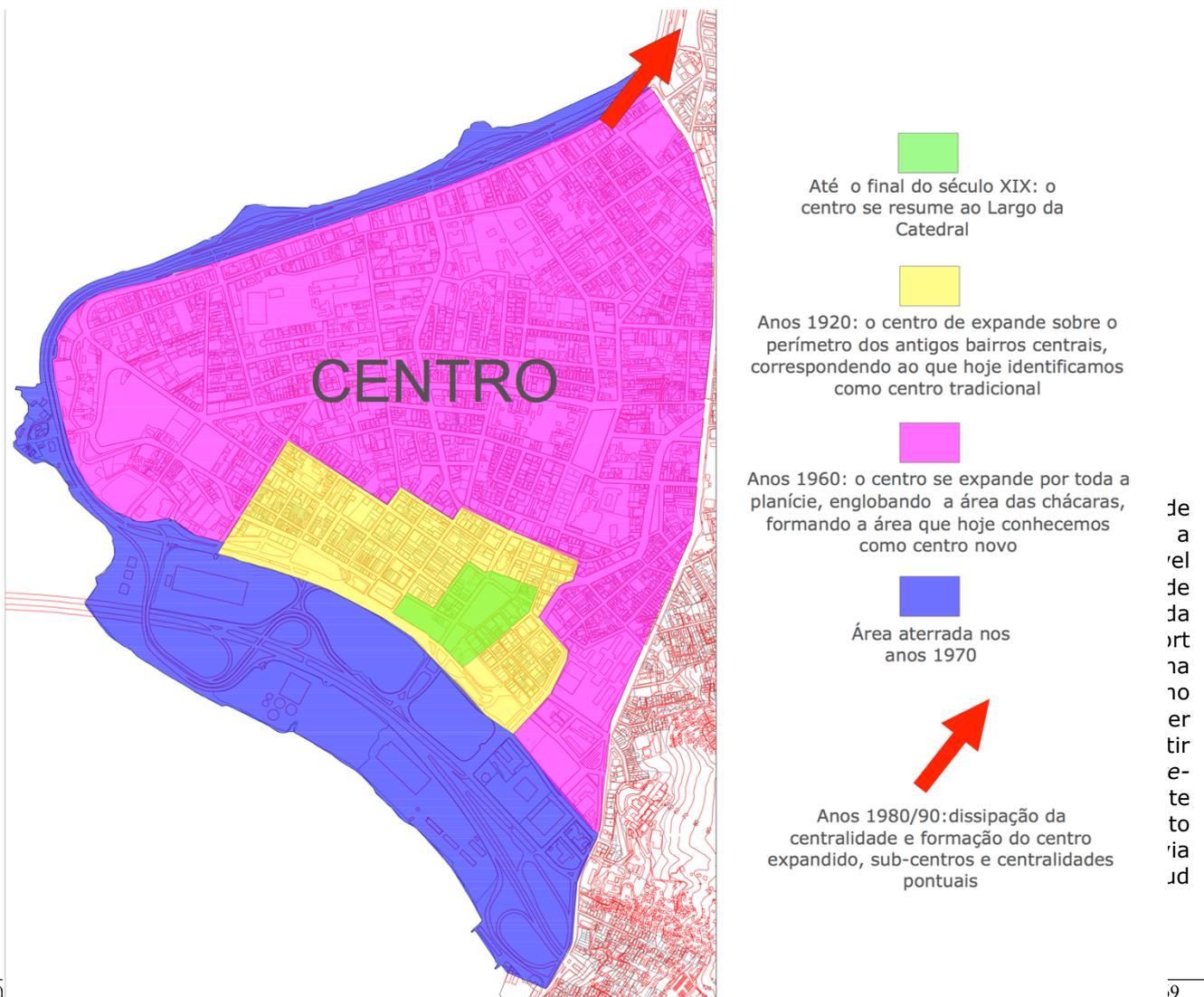


Figura 1 - Mapa esquemático da expansão do centro de Florianópolis durante as três fases da transição para a modernidade capitalista na cidade.

Fonte: Elaborado pela autora utilizando base cartográfica do geoprocessamento corporativo da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

### ***I - Final do século XIX até década de 1920 (momento anterior)***

Esta foi uma época de “pré-modernidade” que emergiu do capital comercial e industrial (ainda que depois se mostrasse incipiente) e por força de personalidades políticas e que teve como local o Centro. A partir da acumulação de capital proveniente da drenagem da renda da pequena produção açoriana e do grande comércio import-export é que a cidade iniciou seu processo de modernização, na segunda metade do século XIX.

Por volta de 1870, as primeiras grandes intervenções urbanísticas foram realizadas no Centro da cidade (Figura 2), que, nesta época, resumia-se ao Largo da Catedral e as primeiras ruas a partir da linha do mar onde estavam localizados o Porto, a Alfândega e o Mercado Municipal, e era rodeado por pequenos bairros habitados, em grande medida, por classes populares.

A área urbana de Florianópolis começou a se expandir a partir do Centro no sentido leste e posteriormente oeste e formaram-se pequenos bairros ao longo das ruas que cortam a planície costeira, inicialmente como aglomerações de casas rudimentares. Para leste (atuais Ruas João Pinto e Tiradentes), a planície era mais aberta e distante das elevações cristalinas. Isto, somado à proximidade deste lado com o Miramar (Figura 3) e o Mercado Público, ocasionou uma ocupação anterior a do lado oeste.

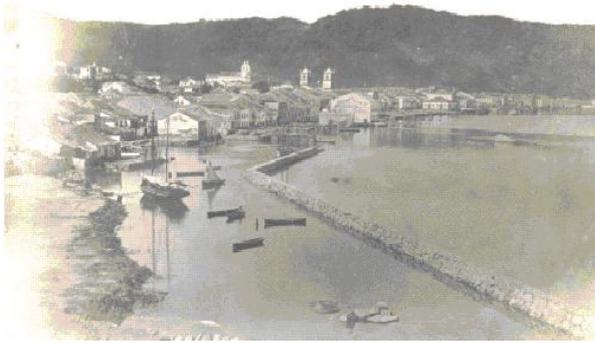


Figura 2 – Aterro do Cais da Figueira, final do século XIX.

Fonte: Santos, 2009, p. 105.



Figura 3 – O Trapiche Miramar, que desapareceu com os aterros da década de 1970.

Fonte: Acervo Fotográfico Edio R. Mello.

Quando a estrutura comercial do Porto e do Mercado foram transferidos para o local onde se encontram atualmente (Largo da Alfândega), a ocupação do lado oeste passou a ser favorecida e surgiram as ruas Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt, ruas estreitas hoje, porém artérias principais para esta época. A região a leste passou então a representar uma área comercial atacadista de produtos importados, escritórios exportadores e residências, enquanto do lado oeste se instalou uma estrutura de depósitos, trapiches e estaleiros ligada ao Porto, juntamente com um comércio varejista de armazéns.

Os bairros centrais de Florianópolis, segundo Várzea (1985), a exemplo do Bairro da Figueira, eram compostos por casas pequenas e antigas, com os fundos voltados para o mar, e a frente voltada para a catedral. O Centro de Florianópolis até o início do século XX, era lugar de residência das classes populares, a isso só encontramos exceção nos antigos bairros da Praia de Fora e do Mato Grosso, onde se localizavam as *chácaras*, áreas rurais que tornaram-se vetor de expansão urbana a partir da virada do século XIX para XX. Esta área corresponde ao perímetro no entorno das ruas Esteves Junior, Trompowsky e Bocaiúva, zona residencial por excelência habitada pelas classes altas até os dias atuais.

A expansão inicial do centro para além da planície imediata deu-se através da abertura de ruas através de antigos caminhos de comunicação com os fortes. A Rua Esteves Junior era caminho para o Forte de São Francisco, a Almirante Lamego para o Forte de São Luiz e a Conselheiro Mafra para o Forte de Sant'anna. Localizadas em áreas colinosas, acima da cota dos 10 metros de altitude, as *chácaras* foram sendo hereditariamente partilhadas, loteadas e incorporadas à região central de Florianópolis, mas ainda permanecem na paisagem através das construções residenciais, casas geminadas no estilo de sobrados luso-brasileiros e chalés germânicos.

Os demais antigos bairros, Figueira, Pedreira, Tronqueira, Toca, etc., eram bairros extremamente pobres (Figuras 4 e 5), habitados por marinheiros, lavadeiras, soldados, pescadores e escravos (DIAS, 1948). O Bairro Rita Maria, localizado nos altos da Conselheiro Mafra, era o local que abrigava o movimento portuário e industrial da cidade, onde se localizavam as indústrias das famílias Hoepcke, Kroop e Freys Lebem.



Figura 4 – Antigo bairro central da Fonte Grande (1910).

Fonte: Santos, 2009, p. 95.



Figura 5 – Antigo bairro central da Toca, final do século XIX.

Fonte: Santos, 2009, p. 101.

Esta primeira fase encontrou seu ponto culminante na década de 1920, quando a construção da ponte Hercílio Luz vem representar a passagem do patamar do Centro de Florianópolis de uma centralidade local para uma centralidade regional. Com isso, a área dos bairros centrais foi englobada à área geral do Centro, perímetro que hoje identificamos como o *Centro tradicional* (Figura 6).

A construção da ponte alterou a paisagem urbana e o funcionamento da cidade. O Morro do Wenceslau (cabeceira insular da ponte) era uma área extremamente desvalorizada; nas suas proximidades localizavam-se o cemitério municipal, fábricas, vilas operárias e um grande depósito de lixo. Logo o cemitério tornou-se absurdo em tal lugar, que era a entrada da cidade, e foi transferido para o Itacorubi, demonstrando a incorporação desta área ao perímetro urbano central. A Alameda Adolfo Konder foi construída para embelezar este espaço, aproveitando as ruínas do antigo forte Santana onde um jardim também foi criado.

A ponte alterou também o traçado urbano da cidade. Em Florianópolis e principalmente no Estreito (cabeceira continental), este passou a se orientar para as vias terrestres de ligação com a ponte. No continente, as ruas que conduzem à ponte tornaram-se os principais eixos de expansão urbana.



Figura 6 - Paisagem do Centro no final da década de 1950.

Vê-se o edifício do Hotel Laporta, os trapiches, o mercado e, ao fundo, a Ponte Hercílio Luz. Percebe-se o movimento da artéria principal da época, a Rua Felipe Schmidt e início do processo de verticalização do Centro com edifícios de 8 e 10 andares.

Fonte: Acervo Fotográfico Édio R. Mello.

Segundo Peluso Junior (1991), em virtude do adensamento populacional (anos 1920/30) os bairros de veraneio (a exemplo de Coqueiros, no continente) se transformaram em zonas de habitação permanente, e as linhas de ônibus aos poucos foram alcançando estes lugares. Nesta época o centro de Florianópolis era passagem obrigatória para qualquer localidade onde se desejava chegar:

O transporte coletivo era executado por empresas independentes que estavam centralizadas na área comercial, de onde se dirigiam para os diversos bairros. Não existiam ligações diretas entre os bairros, portanto se um passageiro quisesse deslocar-se de um bairro para outro deveria passar pelo centro da cidade. (ANDRADE, 1978, p. 125).

O Sanitarismo era o discurso urbanístico dominante no período e, em nome do embelezamento urbano e em resposta às necessidades impostas pelo aumento populacional (que valorizou o preço da terra), um grande contingente de população de baixa renda que habitava o perímetro desta primeira expansão do Centro foi expulso para os morros centrais e para o continente.

Além da Ponte Hercílio Luz, outro marco deste período foi a Avenida do Saneamento inaugurada em 1922. Seguindo o modelo em voga no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro

com o "Bota Abaixo" de Pereira Passos, a avenida foi construída às custas da demolição de vários cortiços que margeavam o Rio da Bulha, onde antigamente se localizavam os bairros da Toca e da Pedreira. A antiga área destes bairros foi incorporada ao Centro da cidade, formando o que identificamos hoje como o Centro antigo, histórico ou tradicional, com função predominantemente comercial. Este processo de mudança da estrutura social dos bairros centrais de Florianópolis foi propiciado pela construção da Ponte Hercílio Luz. A construção da ponte permitiu o deslocamento da população da ilha para o continente, onde o preço da terra era mais baixo (DIAS, 1948).

## **II - Os anos 1950/60 (grande transição)**

Neste momento, a modernidade se concretizou como projeto de sociedade, mas começou a escapar do Centro por eixos, notadamente o norte da Ilha, comandada por agentes fruto de alianças político-empresariais. Ocorreu a transição para o capitalismo preparada desde o final do século XIX, que representou a passagem de uma cidade que se transforma em *tempo lento*, para uma cidade que se modifica em *tempo rápido*, resultado da consolidação das relações capitalistas na sociedade.

Em virtude dos acontecimentos da Revolução de 1930 e da decadência dos capitais comerciais urbanos, a cidade passou por um longo período de estagnação até próximo aos anos 1960, quando retomou toda sua vida, seguindo o plano desenvolvimentista brasileiro e a expansão da administração pública. Foi quando o Centro começou a se expandir por sobre as áreas colinosas ocupadas pelas chácaras das famílias mais abastadas da Ilha até então (grandes comerciantes portugueses e alemães), mas, nesse desenvolvimento, já apresentando características bem distintas do núcleo primário. Esta área é identificada atualmente como *Centro novo*.

Nesta segunda fase (que é o ponto alto de toda transição), começou a despontar na cidade o interesse pela exploração do turismo e, com ele, a germinar um grande capital imobiliário. O sentido da modernização da cidade, em consonância com os interesses destes capitais emergentes, passou a se voltar para o eixo-norte da Ilha a partir dos anos 1970. Isso somado à construção dos aterros que desviaram os fluxos do Centro tradicional e o isolaram do mar, iniciou um processo de estagnação das formas neste espaço (Figura 7).



Figura 7 – Construção do aterro da baía sul (1970).

Fonte: Acervo Fotográfico Edio R. Mello.

Também nesta época começou a se desenhar o que hoje conhecemos como *Centro expandido*, que compreende uma grande área envolvente ao maciço central e que teve sua formação impulsionada pelo crescimento populacional causado pela instalação nestas áreas de grandes instituições públicas estaduais e federais.

Nos anos 1960 foi iniciada uma nova leva de reformas urbanas, bem mais significativas que a primeira leva dos anos 1920. O discurso urbanístico se converteu do Sanitarismo dos anos 1920 para o da modernização e do desenvolvimento do Brasil dos anos 1950 (LOHN, 2007). Pode-se dizer que neste período, em Florianópolis, o processo de transição para a modernidade assumiu uma nova direção. O turismo tornou-se uma das principais bandeiras de líderes partidários-empresariais como Aderbal Ramos da Silva, que, segundo Lohn (2007), desde os anos 1950 anunciava investimentos imobiliários no norte da Ilha, enquanto os mesmos terrenos valorizavam-se intensamente.

Assim começou a se formar em Florianópolis a classe dos especuladores imobiliários modernos, oriundos das famílias que já realizavam especulação nas suas chácaras do centro da cidade desde o final do século XIX em associação com capitais extra-locais.

Nos anos 1950 o centro transbordou para a baía norte, sobre as antigas áreas rurais colinosas onde se localizavam as chácaras, circunscrevendo-se dentro da estrutura triangular da Rua Mauro Ramos e da Avenida Beira Mar, que tangenciam respectivamente o maciço central e a costa. Nos anos 1960, os limites urbanos da cidade foram ampliados além da

planície central para os bairros da Agrônômica ao norte e José Mendes ao sul, embora nesta mesma década o norte comece a crescer em velocidade muito mais rápida que o sul da Ilha.

Nos anos 1970, a estagnação do porto de Florianópolis - e a decadência da pequena produção mercantil açoriana - foi definitivamente efetivada pela construção dos aterros das baías norte e sul. Os aterros indicaram uma nova fase para a vida do Centro, antes tão ligada à condição marítima e comercial. A partir dos anos 1960 os navios deixaram de entrar no porto de Florianópolis, devido à melhorias nas rodovias e modificações da rede exportadora - também em virtude da modernização das embarcações, para as quais as baías não tinham profundidade suficiente. Os capitais comerciais passam a ser investidos no comércio de imóveis, seguros e capitalização imobiliária e Florianópolis se transformou numa cidade de serviços.

Outro agente de intensa intervenção na paisagem foi o Estado, que além da forma de investimento em infraestrutura, transformou a paisagem da cidade através da construção de edifícios para abrigar seu aparelho administrativo em expansão. Neste período, enquanto o porto decrescia, a estrutura da administração pública se desenvolvia e tornava-se novamente o elemento de maior destaque na paisagem do centro urbano de Florianópolis.

Segundo Vaz (1991, 50):

Ao crescer e modernizar-se os serviços públicos exigiram também uma reorganização de seu espaço, através de uma clara tendência ao agrupamento em áreas especializadas nos moldes dos 'centros administrativos' construídos em metrópoles do País e do Exterior. Os antigos edifícios do Centro Histórico que os abrigavam foram julgados inadequados aos novos moldes e transferidos para bairros vizinhos formando aglomerados de instituições públicas, alojadas em prédios novos e especialmente planejados para suas funções remodeladas, alocados em áreas bem mais extensas que as anteriores, permitindo futuras extensões e o abrigo a funções complementares decorrentes do salto de escala, como estacionamentos amplos, instalações de lazer para funcionários, serviços subsidiários, etc.

Os novos bairros que surgiram com a expansão da área urbana nos anos 1960 ocuparam as chamadas áreas detrás do morro, local onde se instalaram definitivamente a UFSC e a Eletrosul. No Centro, quando já não havia mais lugares vagos, espaços para expansão horizontal, iniciou-se o processo de verticalização, sendo que os primeiros edifícios com mais de 10 andares foram construídos nos arredores da Praça Central, como os edifícios Meridional na Rua João Pinto e Cidade de Florianópolis da Rua Arcipreste Paiva. Estes primeiros edifícios, porém, ainda não apresentavam garagens, algo imprescindível nos nossos "tempos modernos". Na verdade, o processo de verticalização do Centro foi inaugurado com a elevação do Hotel Laporta em 1932, um edifício de 4 andares. Porém, somente a partir dos anos 1950 passaram a se destacar na paisagem edifícios 8, 10 e 12 andares, quando tem início o processo de demolição das residências unifamiliares para dar lugar a edifícios.

A partir dos anos 1980, toda a área das chácaras, que continuou sendo majoritariamente residencial, urbanizou-se no padrão vertical, com edifícios de em média 12

andares. A Trindade e o Saco dos Limões, distritos de Florianópolis, passaram a fazer parte da cidade em 1950.

As elites, que já haviam escolhido a área norte da planície central como residência, após duas décadas de indecisão causada pela instabilidade geral pós-revolução de 1930, elegeram o mesmo eixo para expandir seus investimentos imobiliários, ou seja: o norte da Ilha. A partir daí uma série de investimentos estatais em infraestrutura foram executados para permitir este desejo: as Avenidas Gama D'êça e Osmar Cunha foram reestruturadas em 1928 e a Avenida Beira Mar Norte foi executada em 1960, para facilitar o fluxo entre esta área e o Centro (ligação com a ponte). Esta Avenida ainda não constituía uma via expressa como a conhecemos hoje, pois o aterro não havia sido construído. Conclui-se que todo norte da Ilha, começando pela região ao norte do centro, foi uma área extremamente privilegiada pelos investimentos estatais a partir dos anos 1960. Entretanto, enquanto a avenida beira mar representou integração para a parte norte do Centro, para o Centro tradicional, ela representou o isolamento.

### ***III - Os anos 1990 e o período atual (momento posterior)***

A partir dos anos 1970 começa a ocorrer um fenômeno de exclusão do Centro do processo de modernização de Florianópolis, que vai culminar nos anos 1990. Um novo projeto de cidade é posto em prática, desta vez aparecendo como atores capitais extra-locais associados aos locais e o capital turístico-imobiliário tentando sobrepor-se ao comercial.

De fato, a partir dos anos 1990 percebemos que começa a se desenhar um novo movimento da transição para a modernidade capitalista na cidade. É nesta época que o capital extra-local (e notadamente internacional), em forma de investimentos imobiliários associados às bandeiras do turismo e da tecnologia, apropria-se definitivamente do espaço urbano. O discurso urbanístico contemporâneo vem, desde então, trabalhando no sentido de romper com a ideia de cidade como uma totalidade social (e com isso com o próprio sentido de Centro urbano), dedicando-se à construção de núcleos residenciais (condomínios fechados), comerciais (os shoppings) e empresariais (parques empresariais e tecnológicos), que passam a representar a modernidade para a cidade, e, de certa forma, *novas centralidades pontuais*, enquanto ao Centro tradicional é relacionado a tudo que há de atrasado e ultrapassado (Figuras 8 e 9).

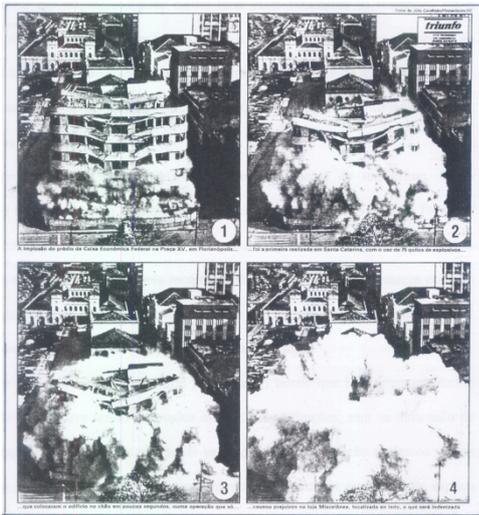


Figura 8 - Implosão do antigo edifício do Hotel Laporta (1990).

O edifício nesta época abrigava uma agência da Caixa Econômica Federal.  
 Fonte: Coelho, 1997, p. 23.



Figura 9 - A paisagem sem a ponte Hercílio Luz, fotomontagem (1996).

Publicada no Diário Catarinense, esta imagem foi intitulada "memória ameaçada" e fez parte de uma campanha iniciada nos anos 1990 para recuperação da estrutura da Ponte que, extremamente degradada, ameaçava cair a qualquer momento.  
 Fonte: Coelho, 1997, p. 152.

Esta modernização, em que o "circuito moderno da economia citadina é incorporado ao mercado mundial e recorre também ao capital estrangeiro" (SANTOS, 1982, p. 42), forma as novas condições materiais e as novas relações sociais que permitiram a "urbanização corporativa" no processo de expansão da cidade de Florianópolis. Ou seja, o capital turístico-imobiliário, eleito como a principal atividade componente deste circuito superior da economia, é a grande força que orienta a urbanização nesta última fase. Neste contexto é que o "planejamento estratégico" como ideologia e a "urbanização corporativa" como prática da administração pública a partir do governo Ângela Amin (1997-2004) adentram a cidade de Florianópolis, quando se passa a propagar a imagem de Florianópolis como "cidade-paraíso" em nível nacional, a se especular e gradativamente vender espaços urbanos aos capitalistas extra-locais mediante um grande investimento em marketing urbano objetivando a criação de um consenso em relação ao planejamento praticado. Neste sentido, o espaço construído em Florianópolis nas duas últimas décadas pode ser encarado como a concretização de uma ideologia comandada pelo capital turístico-imobiliário. Como nos aponta Santos (1996), na cidade corporativa a urbanização obedece à racionalidade capitalista das empresas hegemônicas e está muito mais preocupada com a eliminação das "deseconomias urbanas" do que com a produção de serviços sociais e com o bem-estar coletivo. Enquanto isso, em relação ao Centro tradicional, três debates merecem destaque na contemporaneidade, conforme exposto a seguir.

## Centralidade urbana na Florianópolis contemporânea: três debates

"La rue... seul champ d'expérience valable"

André Breton

A força do Centro tradicional como centralidade máxima da cidade jamais foi um consenso ao longo de toda história de Florianópolis. Um primeiro aspecto que problematiza esta questão diz respeito à sua constituição urbana binuclear, que compreende uma ilha e mais uma porção continental. Além disso, é interessante notar como o relevo compartimentou naturalmente a ocupação, formando um território de bairros plurais, que tendem a desenvolver seus próprios sub-centros, núcleos ou ruas comerciais. Segundo relato de Dias (1978, p. 1971), o processo de dissipação da centralidade urbana é percebido desde os anos 1950: "O mercado público não atende mais, pela sua localização, às necessidades de toda população. A descentralização, já visível, manifesta-se pela existência de numerosos mercadinhos populares, distribuídos por quase toda a cidade."

Foi justamente a partir dos anos 1950 quando se desenvolveram as condições materiais para a estruturação de novas centralidades (época em que começou a se formar o *centro novo*); perpassando os anos 1970 (a partir do incremento populacional e da instalação de órgãos estatais em lugares fora do centro tradicional) quando começam a ser formados os *sub-centros*. Mas é notadamente na década de 1990 que a independência dos bairros de Florianópolis se acentua, quando estes passaram a se configurar como fortes áreas de influência, centros secundários, motivados por grandes investimentos coletivos, que alteraram os fluxos e reconfiguraram a composição do tecido urbano: os shopping centers e centros empresariais, *novas centralidades pontuais*.

A nova escala da vida do habitante na cidade a partir da agregação de novas centralidades, provoca uma mudança no papel do Centro tradicional. Neste processo, a formação do quadro comercial do Centro tradicional se volta para as classes populares, representando a retomada por parte destas de alguns espaços que lhes foram expropriados em tempos anteriores (reformas sanitárias dos anos 1920). A partir desta transição, as novas centralidades passam a assumir o papel de atender às necessidades comerciais de classe média e alta, que desejaram se afastar do Centro mas permanecer na centralidade.

Na cidade contemporânea, torna-se, portanto, difícil identificar os "*centros de gravidade*" que "*não se confundem mais necessariamente com os centros antigos*" (Chalas, 2007, p. 40). A priori, o surgimento de novos centros é quase proporcional ao enfraquecimento dos Centros tradicionais. Entretanto, não é simplesmente a existência da policentralidade o motivo da decadência do poder de atração do Centro tradicional, estando este processo ligado a um contexto social muito mais amplo. Em Florianópolis, apesar do desenvolvimento de novas centralidades, a degradação física do centro não é tão acentuada

como em outras capitais brasileiras. O centro se mantém pois adquire um novo papel, um novo sentido de centralidade.

Em busca deste novo sentido, durante toda a pesquisa procuramos nunca perder de vista a vida cotidiana da cidade, através do hábito de caminhar pelas ruas do Centro, que nos conduzia a uma nova indagação e algumas descobertas a cada dia. Como o “detetive” de *Um Homem na Multidão* de Edgar Allan Poe, percorremos o Centro da cidade juntando fatos, lampejos. E este espaço, com sua forma labiríntica, favorece este tipo de experiência; a cada mudança súbita de uma rua para outra sentimos as características e ambiências diversas dos lugares.<sup>2</sup>

No cotidiano do Centro percebemos situações cheias de significado entre as aparentemente mais triviais. Dialeticamente, buscamos fazer uma análise destes “*sinais das ruas*” sempre ligados à forma social da cidade, que compreendemos como o contexto histórico da transição para a modernidade e o período de sua última fase que se inicia nos anos 1990, ou seja, submeter os fatos a um tratamento histórico-dialético (LUCÁKS, 1981).

Como comenta Berman, (1986, p. 189), a forma social da cidade também compreende “*batalhas e encontros públicos, diálogos e confrontos nas ruas*”. Desta forma, as ruas manifestam símbolos primordiais da vida moderna.

É justamente esta vida urbana primordialmente acontecendo através do movimento das ruas que diferencia a vivência do Centro tradicional de qualquer outro espaço da cidade. No movimento das ruas como espaço público reside sua força política e seu valor cultural, por conseguinte, seu caráter contra-hegemônico e essencialmente *moderno*.

## ***I - O Centro e a contradição da vida moderna: ruas de encontro***

Na obra literária de Charles Baudelaire, a cena moderna primordial era o “pedestre lançado no turbilhão do tráfego da cidade moderna” (BERMAN, 1986, p. 154). No emblemático poema em prosa “As massas” do *Spleen de Paris*, publicado postumamente em 1869, transparece a sensação de Baudelaire ao viver a modernidade nas ruas:

Não é dado a qualquer um tomar banho de multidão. Desfrutar da massa é uma arte e só poderá fazer, às custas do gênero humano, uma orgia de vitalidade,

---

<sup>2</sup> Uma forma de relação com o cotidiano da cidade do “tempo presente” que tivemos, além das derivas, foram as 30 entrevistas realizadas no mês de outubro de 2009 com trabalhadores e comerciantes do Centro, além das infinitas conversas com moradores e passantes. Acreditamos que, apesar de ser o Centro um lugar muito heterogêneo, as entrevistas apresentaram muitas experiências, ou representações comuns deste espaço. Como uma “*memória topográfica*” (BENJAMIN, 2006), elas são reveladoras de experiências sociais e de um imaginário social sobre o Centro da cidade que buscamos traduzir, sintetizar, em termos de relações sociais. Aplicar os questionários foi uma oportunidade de percorrer o Centro, ter uma experiência de contato com seu interior, onde encontramos muitos lugares escondidos e fatos inesperados, como modos de fazer comércio muito antigos, por exemplo, lojas tradicionais onde o proprietário é quem fica no caixa, e onde ainda existem rolos de papel pardo para embrulhar as compras.

aquele a quem uma fada terá insuflado no berço o gosto pelo disfarce e a máscara, o ódio do domicílio e a paixão pela viagem. [...] Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis, para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão tampouco sabe estar só em meio a uma massa azafamada. (BAUDELAIRE, 2009, p. 69).

Em carta ao amigo Arsène Houssaye, Baudelaire conta que seus poemas em prosa objetivavam descrever a “vida moderna”, e sua motivação para escrever nasceu “da frequência das cidades imensas, do cruzamento de suas inumeráveis relações” (BAUDELAIRE, 2009, p. 29).

A modernidade que vivemos em Florianópolis nos dias de hoje (que poderíamos denominar, não isentos de certa carga de ambiguidade, de *modernidade contemporânea*), é, entretanto, muito diferente “modernidade de Baudelaire” – e, em certos termos, chega a negá-la. Como nos fala Berman (1986), se pensarmos nas estruturas urbanas implementadas a partir dos anos 1950 em várias partes do mundo, seria difícil de ali se imaginar os fantásticos encontros descritos por Baudelaire na cidade moderna do século XIX; aliás, estes novos espaços parecem ser criados, estranhamente, para evitar estes encontros.

Tomando como marco a Segunda Guerra Mundial, Berman (1986) coloca que a partir daí a expressão da modernidade caiu na dualidade a pouco comentada entre modernismo (espírito) e modernização (material), justamente nesta época em que é fato marcante a “fusão de forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno” (BERMAN, 1986, p. 129). Citando sua experiência particular, pois no bairro onde viveu sua juventude, o Bronx de Nova York, as ruas passaram de passivamente abandonadas à ativamente destruídas, Berman expõe que o movimento moderno do pós-guerra marchou contra uma das principais fantasias modernas: *a rua*. Foi esta contradição que o motivou a pensar sobre a ambiguidade da vida moderna.

A maior parte dos investimentos urbanos das cidades modernas do pós-guerra foram destinados às auto-pistas, estreitamente ligadas à outras estruturas como, por exemplo, a dos shoppings. Em poucas décadas, a *rua*, que sempre servira à expressão da modernidade dinâmica e progressista, passa agora a simbolizar tudo que há de obsoleto.

Neste contexto, na cidade de Florianópolis, o processo de modernização acelerado nos anos 1970 e culminante nos anos 1990 (a modernidade das vias expressas) nega o espaço do Centro tradicional, palco da modernidade da fase anterior. A partir de então, o Centro passou a ser identificado como um espaço oposto aos valores do “bem viver” dos novos investidores imobiliários da cidade. Insegurança, barulho, sujeira e o trânsito problemático se contrapõem à segurança, tranquilidade, planejamento e às amenidades dos novos condomínios residenciais. Até mesmo a exposição ao sol e às chuvas é desvalorizada em contraposição ao “conforto climático” dos shoppings!

Chegamos, então, a esta desconcertante contradição salientada por Berman, e que já havia sido desvendada por Jacobs (2009) nos anos 1960, de que o movimento moderno do pós-guerra (que no caso de Florianópolis se deu a partir dos anos 1960) impulsionou uma

onerosa renovação das estruturas urbanas cujo resultado foi a destruição do ambiente na qual os valores modernos podem ser realizados, criando uma situação paradoxal em que:

O corolário prático de tudo isso (que à primeira vista pode parecer paradoxal, mas na verdade faz pleno sentido) é que na nossa vida urbana, em benefício do moderno, precisamos preservar o velho e resistir ao novo. Com tal dialética, o modernismo assume uma nova complexidade e profundidade. (BERMAN, 1986, P. 301).

Foram principalmente nos Centros das cidades onde restaram estes velhos espaços (das "*ruas cheias de olhos*" de Jane Jacobs ou os boulevards povoados pela cada vez mais tímida "*família de olhos*" de Baudelaire) que ainda hoje alimentam os "antigos" valores modernos. No Centro de Florianópolis, perseguindo detalhes aparentemente irrelevantes, desmascaram-se feições desta "antiga modernidade" que brinca de esconder com a "modernidade contemporânea" da cidade. Entretanto, nesta fase do capitalismo exigente por novas formas e novas configurações territoriais, onde "*tudo que é sólido desmancha no ar*", por que estas antigas formas se mantêm? Elas realmente resistem ou foram simplesmente esquecidas?

Um dos motivos para esta desvalorização imobiliária do Centro tradicional de Florianópolis pode ser explicado com base na teoria de *desenvolvimento desigual e combinado* de Trotsky, em que a desvalorização do ambiente construído é parte necessária do processo capitalista de crescimento urbano. Ou seja, para algum lugar se valorizar (no caso de Florianópolis, primeiramente o eixo norte da ilha) outros precisam ser desvalorizados (o Centro tradicional).

No entanto, o Centro, um lugar de grande importância histórica e política, além de econômica, para a cidade, não está assim tão disposto ao movimento do mercado para ser valorizado (ou desvalorizado). O que parece ocorrer, é que o movimento atual do capital, comandado pela indústria da construção e do turismo na cidade, simplesmente não consegue se apropriar este espaço. O turismo lançou para a cidade uma proposta de consenso (homogeneidade) que não consegue converter o Centro tradicional. E não é pelo fato deste espaço parecer aos olhos de hoje uma paisagem velha e deteriorada que perdeu sua força política. Nessa resistência à incorporação ao movimento moderno do capital da Ilha de Santa Catarina, é a **vivacidade** do Centro que se impõe.

De fato, como escreve Benjamin no *Passagem-werk*, o moderno é a "dialética do novo em conexão com àquilo que sempre esteve lá" (BENJAMIN, 2006, p. 908). Ao contrário do que tentam nos fazer acreditar os teóricos da globalização, os espaços não caminham para a homogeneidade total. Como bem explicou Milton Santos (1996), existem cada vez mais lugares de resistência inspiradas na "velha modernidade" dos autores do século XIX e nas vanguardas dos anos 1960, que faziam da realidade a fonte para seus estudos e práticas, porém, esforçando-se para nunca perder de vista a fantasia.

Por isso, tratando-se de um estudo sobre a modernidade, procuramos retomar um pouco do espírito dos modernistas do século XIX que, como consequência da contradição própria a qualquer processo de transição, tinham uma visão dupla e aberta da modernidade, eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna. Isto para tentar revelar este Centro que não se deixa modelar pelo atual movimento do capital turístico-imobiliário da cidade, mas que também não pode desejar voltar aos seus tempos gloriosos do início do século XX.

Em uma passagem pelo Centro tradicional de Florianópolis, encontramos vários elementos de um espaço desleixado para o turismo, desagradável para os acostumados aos assépticos espaços do lazer moderno, uma cidade despreparada em parecer perfeita: mendigos, moscas, pombos, sujeira. Ambulantes que gritam, crianças que choram, cachorros vira-lata machucados a procura de comida. Correria, barulho, poças de água em dias de chuva. Buzinas, sorrisos, xingamentos, vida.

## **II - Espaço público: caminhos e ponteios**

Nesta nova cultura urbana da cidade moderna “zoneada” onde a pessoa estranha é ameaçadora, ao contrário do sentimento moderno do *flâneur* expresso por Baudelaire, “muito poucos podem sentir um grande prazer nesse mundo de estranhos: a cidade cosmopolita” (SENNETT, 1998, p. 16). Este modo de vida individualista (acima de tudo segregado espacialmente) é impulsionado na medida em que o domínio público é esvaziado. Ao mesmo tempo ocorre o oposto, os espaços públicos são abandonados na proporção em que a vida separada é intensificada.

Na cultura urbana correspondente à última fase da transição para a modernidade capitalista na cidade de Florianópolis o espaço público perdeu sua vez. O novo modelo de urbanização dominante nas cidades brasileiras é o urbanismo dos shoppings, do campus universitário, do parque industrial ou empresarial, das auto-pistas e dos condomínios fechados – que apelam cada vez mais para a questão do espaço privado de lazer como um atrativo. Proporcionalmente ao fato dos espaços públicos da cidade serem cada vez mais frequentados pelas classes populares, estes passaram a ser vistos como lugares perigosos, sujos, desconfortáveis. As praças do Centro de Florianópolis, por exemplo, são vistas pela maior parte da população como o lugar dos bêbados e dos mendigos.

Como prova disso, no início do ano de 2010, a Prefeitura Municipal lançou um projeto que previa o cercamento e fechamento durante a noite do símbolo da “vida pública” na cidade, a Praça XV – projeto que está incluído no plano maior de revitalização do Centro histórico da capital. Na ocasião, o vice-prefeito alegou: “De que adianta manter a praça aberta se quem usa não são os moradores, as famílias que querem visitar o local?” (NOTÍCIAS DO DIA, 2010), como se simplesmente fechando a praça durante a noite o (falso) problema seria resolvido.

Todo esse processo de perda do valor dos espaços públicos e a transferência de sua função para os espaços de consumo privado (fantasiados de públicos) está plenamente de acordo com o modelo de planejamento urbano em voga, que converteu o espaço público em uma derivação do espaço de passagem. As ruas são pensadas, feitas e adaptadas para permitir a movimentação motorizada de um setor para outro da cidade, não o passeio, sendo mesmo inviáveis para esta prática. A estruturação do sistema de transporte urbano visa possibilitar o transporte dos trabalhadores entre os vários complexos da cidade (residencial, comercial, empresarial, universitário).

A partir do momento em que as ruas são vistas apenas como lugar de passagem, muda toda a ideia do "público" dentro da cidade. Este passa a se concentrar em polígonos delimitados (praças e parques) e a cidade se converte em um grande mosaico de espaços públicos e privados. Isso causa perdas profundas para a sociabilidade urbana, já que o espaço público, para além do lugar do lazer, das horas vagas, é parte fundamental dos conceitos de cidade, cidadão e cidadania

O conceito de espaço público, segundo Gomes (2002), pressupõe a relação entre três elementos fundamentais: a) normalizações, leis e ordens; b) copresença de pessoas diferentes num mesmo lugar; c) diálogo e visibilidade. O espaço público oferece como possibilidade o acesso e participação de qualquer tipo de pessoa, ou seja, a mistura social. Ao contrário, os espaços privados (mesmo os de uso público, como os shoppings) selecionam seus ocupantes pelo critério do poder de consumo e, enfim, por classe social. O espaço público representa acima de tudo o vínculo de um povo, de uma multidão organizada, de uma sociedade com a cidade e o indivíduo (GOMES, 2002). Faz, neste sentido, a ponte direta entre a vida privada e vida pública, o cidadão e a cidade – um espaço de relações entrecruzadas, de conteúdo material e simbólico.

Desta forma, procuramos pensar o espaço público não apenas por evidência, como as ruas, praças ou parques; mas um espaço público entendido como uma "esfera de ações" (GOMES, 2002). Neste caminho, o espaço público transcende o espaço físico, organizacional, e passa a envolver as práticas e os valores sociais. Ele representa o convívio cidadão dentro da cidade, ou, a cidadania transportada para uma dimensão física (GOMES, 2002).

A partir desta análise, interpretamos o espaço total da cidade como um espaço público, e o Centro tradicional, como seu coração por excelência.

Quando o coração urbano para ou se deteriora, a cidade, enquanto conjunto de relações sociais, começa a sofrer: as pessoas que deveriam se encontrar deixam de fazê-lo, em virtude da falta das atividades do centro. As ideias e o dinheiro que deveriam se complementar – o que ocorre naturalmente num lugar cujo centro tenha vitalidade – deixam de fazê-lo. A rede de vida pública urbana sofre rupturas insustentáveis. Sem um coração central forte e abrangente, a cidade tende a tornar-se um amontoado de interesses isolados. Ela fracassa na geração de algo social, cultural e economicamente maior do que a soma de suas partes constitutivas. (JACOBS, 2009, p. 181).

### **III - O compasso do centro: continuidades e discontinuidades**

Se admitimos a existência de uma relação dialeticamente conflituosa entre o espaço do Centro e o contexto da cidade contemporânea, veremos que um dos sinais desse descompasso é a persistência no Centro de Florianópolis de um tempo antigo do modo de vida urbano, aquele que acorda e adormece seguindo os horários do comércio. De fato, sabemos que é característica de qualquer formação social a imbricação entre continuidades e discontinuidades históricas. Por isso, não podemos interpretar que o "centro parou no tempo", já que esta condição de "assincronia" dos espaços dentro da cidade contemporânea é fruto de um mesmo processo de transição para a modernidade que se desenhou de formas distintas no espaço urbano. Como se refere Lefebvre (1991, p. 9) sobre a relação entre a "realidade urbana" e a "realidade industrial", temos a nossa frente um "duplo processo", ou um "processo com dois aspectos" que "são inseparáveis, têm uma unidade, e no entanto o processo é conflitante", ou seja, é um processo dialético.

Segundo Chalas (2007), a cidade contemporânea caracteriza-se por ser uma cidade de "tempo contínuo", uma cidade 24 horas. Ao contrário, as cidades tradicionais, despertam pela manhã e dormem à noite; "engarrafava-se nos momentos de deslocamento" e esvaziava-se junto com os comércios, as fábricas e os escritórios. "No domingo, quando nenhum comércio estava aberto, era quando cada um e todos repousavam, as cidades pareciam um deserto" (CHALAS, 2007, p.60). No Centro tradicional de Florianópolis é esta dinâmica antiga que persiste, principalmente em relação aos domingos, quando este adquire o aspecto de uma cidade fantasma. Já nos dias da semana, com seus inúmeros calçadões (Conselheiro Mafra, Felipe Schmidt, Trajano, Deodoro, João Pinto etc.), é a metáfora do formigueiro que melhor descreve o Centro tradicional.

Neste contexto, a imagem de *insegurança* atribuída ao Centro tradicional está justamente relacionada ao caráter de *tempo não contínuo* formado principalmente quadro de monofuncionalidade desta área<sup>3</sup>.

A medida tomada pela Prefeitura de Florianópolis no intuito de tornar o espaço do centro tradicional mais seguro, foi a instalação de inúmeras câmeras de vigilância em suas esquinas. Entretanto, todos sabemos que a melhor forma de tornar um lugar seguro, é garantir que este lugar seja movimentado. Como coloca Jacobs (2009), os melhores vigilantes são os "olhos das ruas".

---

<sup>3</sup>Quadro este que a própria Prefeitura se empenha em construir, criando, por exemplo, inúmeros empecilhos para o funcionamento dos bares que ainda existem na região e que induzem a um pequeno movimento central noturno. Paradoxalmente, a área que tem maior movimentação noturna é o lado leste do Centro, que abriga muitos bares, alguns deles muito tradicionais (como o Bar do Noel, antigo Petit, e a Kibelândia), a área menos movimentada comercialmente durante o dia.

Porém, como também expõe Jacobs (2009, p. 169), motivar esta movimentação noturna não é tarefa simples; *"a existência permanente dessa movimentação (que traz segurança à rua) depende de um alicerce econômico de usos principais combinados"*. Neste sentido, ao abordar o tema da monofuncionalidade dos centros tradicionais a partir do exemplo do distrito central de Manhattan, que após as 17:30 e nos finais de semana caía em profunda monotonia, Jacobs (2009) assinala como um projeto para romper com este quadro a retomada da vida marítima, que *"é o primeiro patrimônio desperdiçado capaz de atrair pessoas nas horas vagas"*.

Em Florianópolis, onde o aterro isolou o Centro do mar, elemento gerador de algumas de suas principais características, esta condição de descaso histórico com Centro vem sendo muito questionada pela população. No ano de 2009 ocorreram duas manifestações artísticas que chamaram a atenção para o abandono da vida marítima do Centro. No dia 4 de dezembro, estudantes do curso de mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina levaram cadeiras de praia e guarda-sóis para o Largo da Alfândega e simularam uma tarde à beira-mar, buscando discutir a utilização dos espaços públicos da cidade<sup>4</sup>. Mais ou menos na mesma época, por iniciativa de um artista anônimo, algumas pessoas juntaram-se e pintaram de tinta azul o perímetro antigo do centro, antes dos aterros (Figuras 10 e 11).



Figura 10 – A linha azul representando o perímetro central antes dos aterros.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 11 – Linha pintada ao longo da Rua Antonio Luz.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

<sup>4</sup>Fonte: O Mercado Virou Praia. Diário Catarinense. Florianópolis, 6 de dezembro de 2009.

Ações como estas indicam a existência de um processo de resistência política por parte da população, e que, de alguma forma, este último período da modernidade, apesar de todas as perdas em termos de sociabilidade que acarretou para a cidade, também acabou gerando uma reação e um avanço democrático.

Ao fim e ao cabo, o que este quadro revela de positivo é a conclusão de que realmente são as pessoas que dão vida para o Centro e que este continua sendo um espaço único, apesar de enfraquecido enquanto aglutinador do movimento urbano pelo surgimento de novas centralidades. Apesar de suas decadências, os Centros tradicionais ainda atendem a população urbana mais efetivamente do que qualquer outra centralidade: "Aquilo a que se chama ideologicamente de 'decadência' do centro é tão-somente sua tomada pelas camadas populares, justamente sua tomada pela maioria da população. Nessas condições, sendo o centro realmente da maioria, ele é o centro da cidade" (VILLAÇA, 2001, p. 283).

### **O Centro tradicional como lugar contra-hegemônico: considerações finais**

*A história, em tudo que desde o início ela tem de extemporâneo, sofrido, malgrado, se expressa num rosto - não numa caveira. (BENJAMIN apud BOLLE, 2000, p. 111).*

No presente ensaio buscamos apreender as especificidades da formação do Centro de Florianópolis, compreendendo a marcha das continuidades e descontinuidades de sua história e como estas se arranjam espacialmente dentro do processo de transição para a modernidade capitalista. Percebemos que o Centro tornou-se, "a cada momento histórico, dotado de um significado particular" (SANTOS, 1977, p. 89), ou seja, ao falarmos do Centro da cidade em cada fase da transição estamos falando de um espaço diferente, inclusive em termos de escala, mas principalmente em termos de sociabilidade.

O período atual da história urbana é apenas um momento de uma totalidade que identificamos como o processo (repleto de contradições) de transição para a modernidade capitalista da cidade. Partimos de um momento e um espaço particular (o Centro da cidade no período atual) para alcançar a totalidade: a modernidade capitalista em Florianópolis e a dinâmica da centralidade urbana.

Nesta última fase, confirmando a afirmativa de Lucáks (1981) que nos alerta que a forma fenomênica e a essência das coisas não coincidem, o Centro tradicional adquire um novo sentido político de luta e resistência pela afirmação da cidade enquanto escala primordial da vida em sociedade. O Centro da cidade, apesar de aparentemente degradado e enfraquecido, politicamente demonstra todo seu poder revolucionário ao conseguir resistir à incorporação turístico-imobiliária do novo projeto de cidade colocado a todo vapor nos anos 1990. O Centro, seguindo a reviravolta dialética de Engels, não é um lugar passivo e adormecido, é um **espaço contra-hegemônico**.

Contra o falso-consenso da Florianópolis contemporânea, a vida pública do Centro tradicional se mantém com intensidade. É visível a tentativa de incorporação dos espaços públicos pelo capital turístico-imobiliário, que a cada dia constrói mais espaços vazios de política e alimenta uma imagem homogênea e mentirosa da cidade. Muitos dos espaços do Centro, neste processo, tentam ser pacificados através do controle e policiamento. Quaisquer manifestações de liberdade no espaço central atualmente estão sendo reprimidas. E, este controle não é tanto contra a violência real como contra a violência imaginária; ao imaginário social do Centro como um "lugar perigoso", que vem sendo criado pela mídia há muitos anos.

Tudo isso faz parte do processo de criação de consensos que tenta esconder determinados conflitos urbanos e inventar outros para que a cidade seja mais vendável no mercado mundial, o mercado do turismo, dos grandes eventos, etc. Mas o Centro de Florianópolis, pelo contrário, explicita estes conflitos. A partir da última fase da transição para a modernidade na cidade, o espaço público da cidade se converte em um campo de batalha sem possibilidade de consenso, que desvenda a cidade que existe e resiste por traz do processo de homogeneização que a apropriação capitalista do espaço tenta efetivar.

Sabemos que quando a urbanização é dominada pela mentalidade corporativa, predominam os interesses particulares aos coletivos: "o cidadão é não raro empobrecido pelo usuário e pelo consumidor, afastando para muito depois a construção do homem público" (SANTOS, 1996, p. 109). Por isso, essa força capitalista impulsionada por alianças políticas formadas desde a década de 1960 na cidade, consegue prevalecer frente aos interesses sociais de uma população e às formas precedentes de economia urbana, mesmo quando esta população e este "modo de vida" estão estabelecidos tradicionalmente, em número muito maior e em áreas muito mais vastas (SANTOS, 1996). É neste contexto que o Centro tradicional de Florianópolis passa a se apresentar como um espaço contra-hegemônico, pois sua organização e funcionamento baseiam-se nestas formas prévias, em um modo de vida que se relaciona conflituosamente com a modernidade contemporânea, mas que, ao mesmo tempo, está carregado de valores modernos, de vida pública, de força popular e política. Parafraseando Shorske (2000), um grande conflito jaz escondido e solidificado em seus velhos prédios.

As políticas urbanas colocadas em prática a partir da gestão municipal de 2012, promovem uma tentativa recente de incorporação do espaço do Centro ao movimento do capital turístico/imobiliário. Revestindo-se de uma roupagem progressista, propõe a retomada do Centro. Em pouco tempo, percebe-se que tal retomada resume-se à criação de alternativas cosméticas e elitizadas de ocupação deste Centro. Completa-se, assim o processo de gentrificação de consumo de alguns de seus territórios, sendo os casos mais marcantes a Travessa Ratcliff e o Mercado Municipal, cuja reforma apagou seus traços populares e o incorporou definitivamente ao circuito superior da economia, aquele que tem o turismo como ponta de lança. O Centro tradicional é aceito então como passeio de sábado para as classes

médias e altas, que caminham por entre as antiguidades expostas em suas ruas. Nos outros dias, porém, a contradição se mantém.

Este processo acompanha um movimento maior partilhado por diversas capitais brasileiras de "ocupação dos espaços públicos", entre eles os centros tradicionais. Entretanto, se em cidades como São Paulo essa retomada tem conteúdo popular, em outras como Florianópolis ela vem tomando uma face elitista.

## Referências

ANDRADE, Maria Martins de Andrade (1978). **A Influência da Ponte Hercílio Luz no Desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

BASTOS, José Messias (2000). Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na Ilha de Santa Catarina. In: LINS, Hoyêdo Nunes et al. **Ensaio sobre Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

BAUDELAIRE, Charles (2009). **Pequenos poemas em prosa**. São Paulo: Hedra.

BENJAMIN, Walter (2006). **Passagens**. Belo Horizonte, Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial.

BERMAN, Marschal. (1986). **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras.

BOLLE, Willi (2000). **Fisiognomia da Metrópole Moderna**: representações da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

BRESCIANI, Maria Stella (2011). A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 6. Disponível em: <<http://unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/113>>. Acesso em: 29 Nov. 2014.

CHALAS, Yves (2007). Cidades Contemporâneas. **Revista Grifos**. N. 22/23 - junho/dezembro.

COELHO, Mário César (1997). **Moderna Ponte Velha**: Imagem e Memória da Ponte Hercílio Luz. Mestrado em História. Florianópolis: UFSC.

DIAS, Wilmar (1948). **Florianópolis, Ensaio de Geografia Urbana**. Boletim Geográfico. Estado de Santa Catarina: Departamento de Geografia e Cartografia. IBGE, Ano 1, n 1; Ano 1, n 2; Ano 2, n1.

ENGELS, Friedrich (2010). **A Situação da Classe Trabalhadores na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo.

GOMES, Paulo Cesar da Costa (2002). **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

GRAMSCI, Antônio (2000). **Cadernos do cárcere**. V. 5 - Rissorgimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

JACOBS, Jane (2009). **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes.

- LEFEBVRE, Henry (1991). **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo (2007). Limites da Utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). **Revista Brasileira de História**. Vol 27, nº 53. São Paulo. Retirado de <http://www.scielo.br>, acesso em fevereiro de 2009.
- LUCÁKS, Gyorgy (1981). **Sociologia**. São Paulo: Ática.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1998). **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- NOTÍCIAS DO DIA (2010). Prefeitura quer cercar praça 15. Florianópolis, 25 fev.
- PELUSO JUNIOR, Victor Antonio (1991). **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte; Ed. da UFSC.
- SANTOS, André Luiz (2009). **Do mar ao morro**: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- SANTOS, Milton (1959). **O Centro da Cidade de Salvador**: um estudo de geografia urbana. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia.
- \_\_\_\_\_ (1977). Sociedade e Espaço: a Formação Social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia nº 54**.
- \_\_\_\_\_ (1982). Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais. In: **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1996). **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec.
- SCHORSKE, Carl (2000). **Pensando com a História**: indagações na passagem para o modernismo. São Paulo, Companhia das Letras.
- SENNETT, Richard (1998). **Declínio do homem público**: as tiranias da identidade. São Paulo: Cia das Letras.
- SILVA, Marcos Aurélio (2003). Geografia e Marxismo: questões de método e notas de pesquisa. **Revista Ciência Geográfica**, Ano IX – Vol. IX, Bauru-SP.
- SWEEZY, Paul et al. (1977). **A transição do Feudalismo para o Capitalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- VARZEA, Virgilio (1985). **Santa Catarina: A Ilha**. Florianópolis: Lunardeli.
- VAZ, Nelson Popini (1991). **O Centro Histórico de Florianópolis**: espaço público do ritual. Florianópolis: FCC Ed. / EdUFSC.
- VEIGA, Eliane Veras da (1993). **Florianópolis**: memória urbana. Florianópolis: UFSC.
- VILLAÇA, Flávio (2001). **Espaço Intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute.